

OCTAVIO MEIRA



MEMÓRIAS

do quase ontem

Ao meu casamento devo os instantes felizes, que pude desfrutar na luta pela vida.

A José Faciola, a estima franca, aberta e larga, que me dedicou.

A família de minha mulher é de origem italiana, portuguesa e holandesa, com os traços baianos trazidos pelo seu pai, Alfredo Souza.

Na província de Alessandria, na região próxima aos Alpes italianos, ao norte de Gênova, existe a mansão onde viveram por muitos anos. O avô de minha esposa, sr. João Fasciolo, nasceu em Francavilla-Bisio, na mesma província. Estudou música, formou-se em pianista e um belo dia deixando sua pátria, apareceu no Maranhão, fazendo-se anunciar como professor de piano. O seu nome FASCILOLO foi mudado para FACIOLA, tornando-se mais eufônico na língua portuguesa. Passou a ensinar mocinhas de São Luiz, filhas de pais ricos, filhas dos velhos portugueses que outrora povoaram aquele Estado. Era um homem já distanciado em idade dessas jovens alunas, mas apaixonou-se por uma delas, filha do sr. Antonio Ramos de Almeida, livreiro dono da Livraria Universal, a melhor de São Luiz. Era Michaela Ramos de Almeida, filha de um descendente de holandeses, da família Jansen, e de seu marido sr. Antonio Ramos de Almeida. Casaram-se. Ele era distinto e mostrava pertencer a boa família. Tiveram vários filhos, que na ordem de idade eram: Antonio Faciola, Maria da Glória Faciola, Victor Faciola, José Faciola, João Faciola, Maria Josefina Faciola, Maria Ana Faciola e Laura Faciola. Como itinerante professor de piano, cada filho nasceu num lugar. Antonio de Almeida Faciola nasceu no Maranhão em 18 de novembro de 1865, às 4 horas da tarde, sendo os seus padrinhos o seu avô Antonio P. Ramos de Almeida e Nossa Senhora. No dia 10 de abril de 1873, às duas e meia horas da madrugada, nasceu Victor de Almeida Faciola, na cidade do Porto, batizando-se na Igreja de Santo Ildefonso, sendo seus padrinhos o sr. Antonio P. Ramos de Almeida e a senhora Margarida Leite de Vasconcelos. No dia 28 de julho de 1875 às duas horas da madrugada nasceu Maria da Glória d'Almeida Faciola, também no Porto, sendo batizada na mesma Igreja e tendo como padrinhos Antonio Leite de Vasconcelos e sua filha d. Francisca Leite de Vasconcelos. No dia 23 de setembro de 1877, ainda na cidade do Porto, às 7 horas da manhã, nasceu José de Almeida Faciola, sendo seus padrinhos o dr. Antonio F. Barros e a senhora D. Adelaide Vendal. Também na cidade do Porto nasceu João de Almeida Faciola, às 6 horas da manhã, batizando-se na Igreja de Santo Ildefonso, sendo seus padrinhos o senhor Euzébio Pinto Nunes e sua esposa.

Já em 1883, estava a família novamente instalada na casa grande de Francavilla, na Itália, pois a 3 de outubro de 1883, às duas horas da madrugada nascia Maria Josephina de Almeida Faciola, sendo seus padrinhos seu irmão Antonio de Almeida Faciola e sua senhora. Continuaram em Francavilla, mais tempo, pois a 30 de junho de 1885, às 4 horas da

tarde nasceu a minha sogra, dona Maria Anna de Almeida Faciola, da qual foram padrinhos seus irmãos Victor de Almeida Faciola e sua irmã Maria da Glória de Almeida Faciola. Deixou-se a família ainda ficar na Itália, pois em 1892, no dia 12 de abril, nasceu a caçula, dona Maria Laura de Almeida Faciola, que teve como padrinhos os seus irmãos José de Almeida Faciola e Maria da Glória de Almeida Faciola. É a única sobrevivente e responde agora pelo nome de Maria Laura Faciola Chermont, viúva do saudoso notário dr. Edgar Chermont.

Eram oito filhos, nascidos em três pátrias distintas. Antonio de Almeida Faciola estudou piano, fez-se um mestre como seu pai. Chegando ao Maranhão, passou, no entanto, a trabalhar com o avô, sr. Antonio Ramos de Almeida, e disso nasceu um certo interesse pelo ramo de livraria. Mandou, depois de algum tempo, que viesse a Belém, para abrir uma filial da livraria Universal que lhe pertencia, no Maranhão: Ramos d'Almeida & Cia.

Chegou, viu a cidade, que nesses tempos não era como se apresenta hoje, mas tinha dinheiro, porque o comércio da borracha trazia recursos de todos os países industrializados. Empolgou-se pela praça e montou a "Livraria Maranhense", à rua João Alfredo, onde hoje está a casa Capri. Mas não abriu nenhuma filial. Abriu a sua própria casa, sem sócios, sem dependentes. Meias, só para as pernas...dizia ele.

Transformou seu estabelecimento em modelar gráfica. Depois compreendeu que precisava entrar em outras empresas, para que lhe viesse a freguesia necessária. Tornou-se o Provedor da Santa Casa. Fêz-se acionista do Banco do Pará e da Fábrica de Cerveja do Pará e, depois de esperar algum tempo, houve a oportunidade de entrar na direção desses empreendimentos. Havia dinheiro, muito dinheiro e os arrojados eram os que se lançavam na voragem dos acontecimentos. Tornou-se diretor de ambos. Depois, já bem rico, Eurico de Freitas Valle, eleito governador, fez dele intendente de Belém. Trabalhou muito, e é uma pena que não se tenha ainda encontrado uma rua onde colocar o seu nome, como lembrança do muito que lhe deve Belém. Não chegou a dois anos o seu exercício na intendência mas muito fêz pela cidade, muito mais do que outros mais antigos, que se seguiram a queda do senador Lemos. Fêz a avenida Serzedelo Corrêa, derrubando vários prédios que a estreitavam. Pela primeira vez, usou asfalto no calçamento da rua pública. Alargou a avenida 15 de Agosto (hoje presidente Vargas), e preparou-a para o calçamento feito por outro intendente. Recalçou a Avenida Nazareth, desde a Praça da República até a travessa Benjamim Constant, defendendo os prédios que ficavam sobre o precipício de Paul d'Água. Preparou integralmente a Praça General Magalhães, calçando-a e arborizando-a. Deve-se a ele a Praça do Relógio, inclusive a instalação deste, de fabricação francesa, em frente ao Ver-o-peso, no lugar onde outrora ficaram as instalações da Bolsa, inacabada.

Quando morreu meu sogro, que era funcionário do Banco do Pará e não havia sequer Previdência Social, os filhos ficaram na miséria.

Reuniram os tios para ver o que faziam com a criançada, um dos quais, o meu cunhado Jorge Faciola de Souza ainda estava por nascer.

Deliberaram dividir as crianças e cada um tomaria conta de um pedaço daquela desventurada família. Ao senhor José tocou a minha mulher e sua irmã Orlandina. Foi buscá-las e as recolheu, dignamente, como um grande tio, na tranquilidade de seu lar. De sua casa saiu o meu casamento e minha mulher ganhou uma boa casa para morar. Minha cunhada Orlandina ficou solteira enquanto ele viveu mas foram essas duas criaturas que assistiram a sua enfermidade e a sua morte, penosa e triste. Só elas e mais ninguém. Os outros vieram para os funerais. Depois, Orlandina veio morar conosco e lá encontrou o seu par.

Quando estive na Europa, pela primeira vez em 1957, procurei pela aldeia Francavilla-Bisio. Estive em Gênova, falei no hotel, procurei com alguns experimentados motoristas de taxi, notícias desse encantado lugar, que tanto desejava conhecer. Tudo em vão. Saímos de Gênova para Nice e depois para Marselha.

Outra vez, estive em Gênova em 1970. Novas buscas tiveram sucesso. Dessa cidade mediterrânea, bela, reconstruída já depois dos bombardeios inimigos, com suas calçadas cobertas pelos andares superiores dos imóveis que vinham até o meio fio, partimos rumo a Francavilla-Bisio. Na época das chuvas, se pode ir de uma a outra loja e só quando se atravessa a rua apanha-se o aguaceiro, que desaba sobre a cidade. Atravessamos toda ela de ponta a ponta. No centro, o comércio e o gigantesco porto, a Estação da Estrada de Ferro. Estávamos no Colombo-Excelsior, na praça Cristovão Colombo, com a estátua alta, como quem olha para o caminho que ele teve de navegar em busca das "Índias". Depois passamos às montanhas que demoram por trás de habitações cada vez mais pobres e modestas. No fim, a estrada, cheia de curvas e mais curvas, sempre subindo. Foram cerca de três horas de viagem e só no regresso pudemos ter o sentido das alturas em que andamos, quando o automóvel se despenhou pela estrada, a velocidade incrível, pois o motorista queria ganhar tempo, para diminuir o tempo da subida. Em certo momento apareceu à margem direita da ferrovia, que uma vez por outra atravessamos, uma grande placa: FRANCAVILLA - BISIO. Mais adiante nova vez se reproduziu a placa e enfim chegamos. Uma aldeia modesta e simples, com o Castelo do Duque de Bisi, bem alto, a dominar as cercanias. A paisagem era agradável. Estávamos no verão, tinha sido colhido já o trigo e os camponeses se preparavam para recolher as uvas e as maçãs. Tranquilidade absoluta no lugar. Encontramos dois homens e a eles falamos sobre a família Fasciolo, que outrora habitara aquele lugar, e desejávamos conhecer a moradia antiga que mantiveram por muitos anos naquela aldeia. Trocaram impressões os dois italianos e

nos responderam que havia uma família Fasciolo que havia emigrado para a América havia muitos anos. Caminharam duas ou três quadras e nos apresentaram a casa situada na via Addua. Estava já dividida em duas: uma das quais ainda era habitada por parentes do velho Fasciolo. Chamava-se ele Enrico Fasciolo. A outra, que fora colocada há mais de quarenta anos pelo sr. João Faciola (filho), era estranha à família. Ali estava a casa grande dos Fasciolo, na via Addua, onde nascera minha sogra e mais duas irmãs, uma delas ainda viva, d. Maria Laura Faciola Chermont, viúva do dr. Edgar Chermont. Lembrei-me dos tempos de que falava o tio José Faciola da colheita das frutas, das castanhas de natal, quando eram mortos grandes porcos, que se assavam em fogueiras bem preparadas e se punham em conserva para os tempos de inverno, que ali deveria ser bastante forte. Um prédio nobre, de três andares, e que nos tempos antigos era ocupado somente pela família Fasciolo, com o seu chefe, Giovanni Fasciolo, que traduzira o nome para a língua portuguesa — João Faciola, o velho.

Fiz questão de encontrar Francavilla-Bisio, de achar o prédio que ainda hoje pertence a todos os descendentes dessa linhagem. Aquela casa ficou sem dono. Os inquilinos, se é que se podem chamar como tais, pagam os impostos e está tudo em dia. Os proprietários deixaram ficar a velha residência de todos. Além desse prédio, há uma verdadeira quinta, onde se plantam uvas, maçãs, peras, castanheiras e trigo.

Tirei fotografias que espero estampar nestas memórias.

Quando tive oportunidade, com meu filho Alcyr, de adquirir os terrenos da antiga Fábrica de Cerveja Paraense, mandei abrir alamedas que vão da avenida Nazareth até a Gentil Bittencourt. Deliberei que na alameda central deveria por o nome "*José Faciola*". Ela está lá, toda construída com prédios magníficos, onde moram as mais distintas famílias da cidade e talvez nem saibam porque esse nome está ali. José Faciola era um homem de vida modesta e recatada. Foi diretor da Fábrica de Cerveja, até a sua falência, como Paulo Maranhão também foi. Lúcio Amaral, o velho, foi também diretor e construtor daquele colosso, que nos fez gastar muita dinamite para pô-lo abaixo. Foram os três nomes colocados nessas alamedas, como testemunho do esforço extraordinário que dedicaram esses homens a construir, explorar e manter aquele empreendimento, que fôra o primeiro do Pará, no começo do século.

Mas ao lado desse esforço empreendido na manutenção da fábrica, houve também uma especial homenagem minha a ele: seu nome não ficou esquecido, e hoje quando abrimos o catálogo de telefones encontramos na lista de endereços: "*Alameda José Faciola*".

Ai está a origem de minha família, de minha mulher e de meus filhos. Se fôssemos levantar uma árvore genealógica de todas essas estirpes, teríamos talvez embrenhados os ramos em outras árvores da vida, de tal

· modo que todos seríamos parentes, por linha direta, por afinidade, pela
· linha colateral, por todos os modos, como uma floresta cresce na espes-
sa e intensa fronde de seus galhos.